



ENTREVISTA

A FIGURA DO EX-ATLETA COMO COMENTARISTA ESPORTIVO: UM OLHAR DE RUBENS POZZI, CHEFE DE REDAÇÃO DOS CANAIS ESPN/DISNEY

Felipe Priante¹

RESUMO: A figura do ex-atleta como comentarista esportivo é algo que tem gerado muito debate no Brasil, não apenas entre os profissionais do meio, mas também entre os espectadores que acompanham o número cada vez mais crescente de opções de transmissões esportivas nos mais diversos canais, seja na TV ou na internet. A entrevista com Rubens Pozzi, jornalista e chefe de redação dos canais ESPN/Disney, pode nos ajudar a refletir um pouco melhor sobre esse tipo de profissional que está cada vez mais comum na mídia nacional

PALAVRAS-CHAVE: *Comentário Esportivo. Ex-atletas. Jornalismo Esportivo. Jornalismo Opinativo. Rubens Pozzi.*

ABSTRACT: The role of former athletes as sports commentators has generated much debate in Brazil, not only among professionals in the field, but also among viewers who follow the increasing number of sports broadcasting options on a variety of channels, on TV or online. The interview with Rubens Pozzi, journalist and chief editor of ESPN/Disney channels, can help us reflect a little more on this type of professional who is increasingly common in the national media nowadays.

KEYWORDS: *Sports Commentary. Former athletes. Sports Journalism. Opinion Journalism. Rubens Pozzi.*

¹ Jornalista, mestrando na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Email: priante@gmail.com

INTRODUÇÃO

A inserção do ex-atleta como comentarista esportivo na mídia não é novidade no Brasil e temos exemplos de ex-jogadores trabalhando nesta função desde a década de 1960, como Nilton Santos na TV Tupi e Zizinho na TV Globo, conforme destaca Helcio Herbert Neto (2022), porém isso tem se acentuado nas última duas décadas e cada vez mais espaço é dado a esse tipo de profissional, principalmente nas transmissões das partidas ao vivo.

“Hoje, em todas as modalidades, os ídolos são os comentaristas, sendo muito difícil encontrar um jornalista comentando uma partida de vôlei, futebol, basquete ou qualquer outra modalidade. Assim, o espaço na imprensa é quase sempre preenchido por ex-atletas”. (Vendite; Vendite; Palombo, 2007, p.166). Isso acabou gerando um debate de parte da mídia esportiva e também dos fãs, que criticam a qualidade da informação que o comentarista ex-atleta produz em comparação à que o jornalista comentarista também produz.

Em contrapartida, há quem defenda que os ex-atletas conseguem explicar melhor para o público em geral o que acontece na modalidade em questão do que jornalistas, que não compreendem certas nuances do esporte, alegando necessária essa “demanda por “comentaristas” (muito freqüentemente ex-jogadores) que, com sua competência específica no assunto, “traduzem” os lances do jogo em termos técnicos e táticos, reforçando, pela oposição aos “leigos”, o primado do profissionalismo” (Gastaldo, 2001, p.3).

146

Neste contexto, entender o que os veículos de mídia esperam quando contratam um ex-atleta para a função de comentarista é fundamental. Aí que entra a figura de Rubens Pozzi, jornalista e chefe de redação dos canais ESPN/Disney, que em uma conversa muito esclarecedora contou um pouco sobre como encara a figura do ex-atleta como comentarista, quais as expectativas que tem em relação a esse tipo de profissional e o que eles podem agregar nas transmissões esportivas, sejam elas jogos ao vivo ou programas gravados.

ENTREVISTA

Felipe Priante - A figura do ex-atleta como comentarista esportivo já está solidificada não só na

mídia, mas também na relação com o público em geral. Desde a década de 1960, com exemplos como o de Nilton Santos na TV Tupi e Zizinho na TV Globo. Geralmente, o ex-atleta tem como diferencial conhecer melhor a dinâmica do jogo. Neste caso, como ele pode auxiliar o público a compreender melhor essa dinâmica e quais seus diferenciais em relação aos demais profissionais da comunicação?

RUBENS POZZI - Certo, vamos lá. Acho que são alguns aspectos que fazem do ex-atleta, no caso o ex-jogador, a ter uma importância, não só nos programas de debate, mas também nos eventos, nas transmissões, seja do esporte que for. Acho que o ex-atleta vem com uma comunicação diferente da do comentarista habitual mais catedrático, mais formal, então ele traz um jeito, uma linguagem diferente e traz uma experiência que, por melhor que seja o comentarista, que não foi um atleta profissional de alto rendimento, não tem. Então acho que é um complemento, pelo menos na ESPN a fórmula que a gente usa é sempre unir esses dois profissionais, o comentarista ex-jogador com o comentarista de carteirinha mesmo. Porque é isso, o comentarista que não foi atleta tem ali o conhecimento dele, tático, técnico, enfim, é uma pessoa que estuda futebol, que acompanha futebol, que analisa futebol há muito tempo, mas nunca botou o pé ali no gramado ou numa quadra. O Arnaldo Ribeiro, amigo meu e que trabalhamos muito tempo juntos, falava que “não tem o cheiro da grama”, então o ex-atleta traz isso às vezes num momento de estresse, de dificuldade ali no jogo. O ex-jogador, ele pensa com a cabeça do ex-jogador, às vezes para a gente é difícil entender uma reação, um motivo para alguma coisa que o ex-atleta te traz, alguma coisa fora de campo, de vestiário, de coisa de jogador, de grupo, como que o grupo encara aquilo, como encara as consequências disso dentro e fora de campo, a coisa do treinador, da comissão técnica, o comportamento do jogador dentro de campo ali, se alguma coisa motivou ele ou desmotivou, então isso traz um outro tipo de informação para quem está assistindo.

Felipe Priante - Você acha que o é importante para o ex-atleta conhecer algumas das técnicas do universo da comunicação para exercer a função de comentarista? Quais essas técnicas que você considera mais importantes?

RUBENS POZZI - Sim, acho importantíssimo e talvez essa nos remeta a uma parte da pergunta anterior, que é a preparação do ex-atleta. Você citou um dos exemplos, o Zizinho, (naquela época) o atleta ia para o comentário com o que ele tinha, com o conhecimento que ele tinha do futebol.

Hoje como as coisas estão mais bem elaboradas, a estrutura das transmissões, a coisa plástica, cenográfica, figurino e até de comunicação, ela exige uma preparação maior desse ex-atleta, desse ex-profissional, então o conhecimento dele, ótimo, está ali, ninguém tira e só ele tem. Agora, como ele vai transmitir isso para o público é importante, ele precisa estar bem preparado na questão de se comunicar, na questão da linguagem, na questão do português, porque você tem que além de ter um cuidado com o teu produto, de ter o melhor comentário, a melhor visão possível, você tem que ter um cuidado estético, um cuidado de português, de comunicação, de linguagem, então hoje eu acho que o ex-atleta que quer trabalhar com isso, e são muitos, ele tem se preocupado com isso, com a parte até da imagem, em saber transmitir aquela mensagem que ele quer passar, porque às vezes ele tem o conhecimento, mas ele não sabe como levar aquilo, seja no rádio, seja na TV, agora tem muitos ex-atletas youtubers, o pessoal aproveitando essas novas plataformas, então eu acho que a diferença é essa também. Diferença não, mas é uma questão para o ex-atleta se preparar nesse sentido, em como levar o conhecimento dele para a pessoa que está assistindo, que está consumindo aquilo que ele está fazendo.

Felipe Priante - E vocês da ESPN, quando olham isso, qual o tipo de ajuste ou adaptação, como que fazem para justamente auxiliar o ex-atleta nessa função, nessas novas facetas que ele vai ter em uma outra profissão?

148

RUBENS POZZI - A gente lá tem a sorte de ter alguns produtos que acabam sendo bons laboratórios para esses ex-jogadores. A grande parte dos ex-jogadores que trabalham com a gente hoje, chegaram na ESPN como convidados de um programa que se chama Resenha, que tem duas versões, tem o Resenha da Semana, que sempre traz um convidado, é um programa gravado ali, então são normalmente quatro ex-atletas ou três ex-atletas da ESPN que recebem um convidado ou dois para contar as histórias do futebol ali, coisas que já passaram juntos, enfim, para bater papo, para fazer uma resenha. E o Resenha ao vivo, que a gente chama de Resenha da Rodada, que aí está mais preso ao que aconteceu no final de semana, e são apenas ex-jogadores que fazem parte do quadro ali do staff da ESPN. Esse programa recebe muitos convidados, e às vezes chega um convidado ali que a gente fala, pô, esse cara é muito bom, esse cara é bom, pode ajudar a gente. A gente tem um giro muito grande de ex-atletas ali, porque muitos deles ainda gostam e pensam em trabalhar com futebol, então já passaram vários que começaram com a gente e depois saíram porque foram para algum clube. Para citar alguns nomes: Elano, Alex, Cesar Sampaio, quem mais? Acho que o Belletti também, o próprio Muricy. Então todos esses já passaram ali,

mas acabaram uns ficando pouco tempo, outros mais tempo, e saíram porque aceitaram propostas para voltar a trabalhar com futebol. Mas esses programas são grandes laboratórios, então às vezes você vê ali o potencial do ex-atleta, do jogador, e fala “poxa, esse cara seria uma boa aquisição”. Mas ainda precisa de um período ali, como você mencionou na tua pergunta, de preparação para ele virar realmente um comentarista. Na ESPN a gente tem uma equipe de fonoaudiólogas que ajustam essa coisa da dicção, da maneira de se expressar, de como se portar na frente da câmera, né? Tem jogadores que já são comentaristas natos, posso citar alguns aqui, mas a gente tem o mais recente, o Fábio Santos, que começou ali e, nossa, já chegou jogando. Tem o Fábio Luciano, que se comunica super bem, Amoroso, Silas. Luiz Fabiano agora está começando, era um cara mais preso ali, na questão de se sentir menos à vontade na frente da câmera, mas já está perdendo isso, já começou a fazer transmissão de jogo e faz os programas ali. Então é uma coisa que com uns esse processo é mais rápido, com outros é um pouco menos rápido. E existem outros também que, apesar de ter uma história incrível no futebol, um conhecimento incrível, seja do futebol ou do esporte que ele tenha praticado como profissional, eles não conseguem passar aquilo, não tem como. E isso acontece com qualquer pessoa, não só os jogadores. Tem gente que consegue se comunicar e gente que não consegue. Então já aconteceu de alguns não conseguirem e assim: vida que segue. Até eles preferem parar com aquilo ali, parar de sofrer, do que continuar.

Felipe Priante - Ficam claras as funções do comentarista e do narrador no decorrer de uma partida, cada um com sua posição bem definida. O narrador meio que comanda a transmissão e o comentarista é aquele que detém conhecimento maior sobre o assunto e por isso tem crédito. Sendo assim, no seu ponto de vista, quais os princípios que o comentarista deve seguir para assegurar sua credibilidade?

RUBENS POZZI - Olha, quando a gente fala de opinião, uma coisa é a credibilidade da informação. Você está dando uma informação ali, você tem que prezar muito pela credibilidade, seja pela fonte ou seja pela tua apuração, pela tua pesquisa. E isso é uma coisa levada muito a sério lá na ESPN, que é a questão da informação. E aí, a credibilidade tem que ser total. E é um dos tópicos que sempre aparecem em pesquisas sobre ESPN, a credibilidade. Quando a gente fala em credibilidade de opinião, não é a mesma coisa, mas acaba sendo a mesma coisa, porque você vai construindo aquilo. Se na tua informação você constrói esse perfil de credibilidade, você leva isso para quem consome, no caso o fã de esporte da ESPN, e a tua opinião ganha credibilidade também. E às vezes essa opinião é embasada pelo comentário do pós-jogo ali, do próprio

treinador, do próprio jogador. Quando as coisas batem, que fala “poxa, realmente o que fulano falou ali durante o jogo é o que estava pensando o técnico, era o que o jogador pensou em fazer, era o que aconteceu ali ou perto disso”. Falando do jogo em si, tem o comentarista que gosta de um time mais para frente, e aquele time lá joga fechado até achar uma bola, ele pode não gostar, mas vai dar a opinião dele ali, que é bom, que é ruim, funciona ou não funciona. Enfim, mas essa coisa, como você falou, ela fica bem pontuada. O narrador, ele leva ali, ele dá mais base, mais embasamento para o que está acontecendo: o time está retrancado, está jogando com linha de cinco atrás, está só com um atacante de referência na frente ou não tem atacante, só joga pelo lado ou não joga pelo lado, ele está colocando aquilo, o que está se vendo em campo. Mas para destrinchar o porquê daquilo (que está acontecendo), se é porque o treinador gosta, ou porque o time está desfalcado, ou porque está jogando fora de casa e joga pelo empate, é o comentarista que vai falar, que vai começar a esmiuçar aquilo ali e dar caminhos para quem está assistindo entender um pouquinho melhor, ou pelo menos dar a opinião dele, concorde ou não. Isso é o bacana de qualquer esporte, do futebol principalmente, em que somos todos técnicos, então a gente acaba fomentando ali uma discussão, uma interação, e essa coisa vai para a rede social, enfim, às vezes de um jeito legal, às vezes de um jeito não tão legal, mas acho que é o bacana da transmissão ali.

Felipe Priante - Você falou sobre dessa questão de opinião e informação, que apesar de serem coisas meio separadas, elas acabam andando sempre juntas, porque não existe opinião sem informação alguma ou vice-versa. Por mais que seja uma opinião, ele não pode estar brigando com a realidade para que o que ele estiver falando seja atestado como certo por quem está assistindo ou está escutando. Nesse âmbito do comentarista ter o crédito para falar, o quanto isso realmente você vê como importante?

RUBENS POZZI - Sim, eu acho que aí é uma coisa que é o porquê da especialidade. A gente às vezes fala sobre esportes e tudo bem, falar sobre esportes, é legal, você fala sobre tudo e pode dar uma opinião, mas tem a questão do especialista. Pode ser o comentarista de futebol, o comentarista de futebol americano, de beisebol, de vôlei, de futsal. Se eu sou o comentarista de futebol, podem achar que posso fazer futsal, faço kings league, showball e tudo bem, mas tudo bem para quem não liga muito para isso, no caso da ESPN, a credibilidade é tudo, a gente toma muito cuidado com isso, a gente tem o comentarista de futebol, o comentarista de futsal, o comentarista de hóquei, de rugby. Eles são especialistas, o cara sendo um especialista, ele tem

como uma obrigação estar bem informado, saber do que está falando, conhecer o esporte, conhecer os atletas, conhecer aquele meio ali que ele está vivendo, isso aí traz mais informação e, conseqüentemente, mais credibilidade do que ele está falando. Você pode até não concordar, porque gosta de um time jogando para frente e eu gosto de um time jogando defensivo, você pode não concordar, mas você respeita, porque sabe que o que ele está falando ali não é asneira, não está inventando nada, então tem esse aspecto. Eu acho que o mais importante de tudo é que, por mais que concorde ou não, é raro ali, pelo menos nas transmissões, seja de futebol internacional, agora Série B, Libertadores, Sul-Americana ou os outros esportes que a gente faz, é raro alguém ser criticado por não saber o que está falando. Pode ser criticado porque está louco de achar que um time de Premier League tem que jogar fechado com tanta gente, tanta velocidade, mas você não vai falar que o cara não sabe nada de futebol.

Felipe Priante - No Brasil, há uma hegemonia do futebol masculino, embora cada vez mais outras modalidades estejam ganhando espaço. Como o comentarista pode explicar melhor sua modalidade?

RUBENS POZZI - Isso aí é interessante. Por exemplo, vamos falar, um bom exemplo é o futebol americano. Quando a ESPN começou com o futebol americano, que ainda é um nicho no Brasil. Cresceu muito, tem um mercado enorme hoje, mas ainda é um esporte colocado ali num nicho. Mas quando começou e era muito menos que isso, muito menos gente conhecia, a gente ficou pensando “poxa, tem um público”. Naquela época ainda, a gente está falando de mais de 15 anos atrás, tem um público fanático, pequeno, mas fanático, mas esse público que é fanático é um centésimo da nossa audiência. Como é que a gente vai fazer essa audiência gostar de futebol americano? Aí, nas transmissões, a gente era um pouco mais didático, digamos assim. Quando acontecia uma falta, explicava o porquê daquela falta. Às vezes até pedia desculpa para você que já é um fã de futebol americano, já conhece, a gente está aqui explicando para outras pessoas. Talvez você esteja aí com a sua namorada ou com seus pais ou com seus amigos vendo o jogo, que nunca viram um jogo na vida, a gente te ajuda a explicar o jogo para eles, uma coisa mais amigável, mais próxima. E a gente criou um programa que se chamava The Book is on the Table. The Book is on the Table é a primeira sentença que a gente aprende quando vai para uma aula de inglês. Então, o programa era mais ou menos isso sobre a NFL, explicando regras, como é que funcionava, quantos jogadores, por que troca o time inteiro, quando tem posse de bola, quando não tem. E aquele programa, semanalmente, ia para o ar, usando exemplos dos jogos da rodada

da NFL e explicando aquelas situações. Por que foi falta, quando é falta, quando troca, quais são as posições, os nomes. E isso foi por anos o The Book is on the Table. E assim, deu certo. A ESPN acabou construindo, formando uma geração que aprendeu a gostar de NFL. Claro, o produto também foi melhorando muito. O jeito que eles entregavam o produto, as transmissões, os estádios. Aquela coisa toda que o americano sabe fazer muito bem, seja na NFL, na NBA, na MLB, lá no beisebol. Então, isso foi. É um orgulho para a gente hoje ver tudo isso e saber que a NFL, boa parte do que ela é hoje no Brasil, é por causa do que a ESPN fez, do trabalho que a ESPN fez para divulgar isso, popularizar, ensinar as pessoas a gostarem de futebol americano. Agora tem uma experiência que a gente está tendo mais recente com o tênis. A gente tinha alguns torneios de tênis, os grandes lances, mas o volume que a gente tem hoje, que são todos os 500, todos os 1.000, 250 e alguns challenges. Enfim, a gente tem muitos torneios de tênis. Você está falando de tênis ali e aí surge João Fonseca, que quem nunca viu tênis começa a ver, porque tem um brasileiro ali indo muito bem. A gente teve que começar isso de novo. Só que o tênis é muito mais popular do que era a NFL, e é a NFL hoje. E aí tem mais isso. Vai ter o cara que fala: “você não precisa ficar falando o placar toda hora, nós estamos vendo ali, não precisa falar que é o segundo saque”. Poxa, precisa. Tem muita gente que gosta de ver tênis só às vezes, mas não sabe o que está acontecendo ali. Só vê que o cara está ganhando porque o narrador está falando. Ou que vai ter um terceiro set, ou que é uma melhor de cinco sets, ou que vai ter um tiebreak de dez ou de sete. Então a gente precisa fazer isso apesar da reclamação dos chatos de plantão ali. Apesar disso, a maioria recebe bem isso. Mas é muito no bom humor na hora de falar, faz a brincadeira ali: “poxa, você é um especialista de tênis, mas eu garanto que a sua sogra que está do seu lado aí não entende nada, então eu vou explicar para ela”. Também podemos usar muito a interação. As pessoas hoje têm muito mais acesso à interação ali pelas redes sociais. Isso ajuda muito. Às vezes você não está explicando muito, a pessoa pergunta. Poxa, por que isso? Que regra é essa? Por que ele pode sacar de novo? Por que voltou o ponto? Então tem muita coisa ali que a gente usa a rede social para ensinar, para fazer a parte didática da transmissão.

Felipe Priante - Então quando você fala dessa questão da rede social, a gente pode colocar que ela é um ponto fundamental nessa questão da aproximação? Quando o comentarista está trabalhando numa transmissão ao vivo, ela é fundamental para fazer essa ponte de aproximar os novos públicos dessa modalidade que não é o futebol?

RUBENS POZZI - Total, até porque no futebol a coisa é mais dinâmica. A bola não para, o jogo

não para ali. Você não pode ficar um minuto mandando abraço ou respondendo perguntas. É uma coisa muito pontual. Nos outros esportes você tem esse tempo. As viradas de break do tênis, os quartos do basquete, da NFL. Nossa, tudo isso para muito. Então você tem essa possibilidade. E além da interação, da pergunta e tal, essa coisa às vezes os caras acham muito chato e você tem que dosar realmente para a transmissão não ficar exagerada nos abraços. Um abraço para o fulano que está lá em Belém, para a turma do ciclano, para o pessoal do clube que está assistindo aqui. Isso tem um poder na transmissão enorme, de você fidelizar e se aproximar do fã de esportes, de quem está vendo a pessoa. Realmente se sente parte do negócio ali e tal. Pedem 50 abraços no mesmo evento. Você dá um, tudo bem. No outro ele vai estar lá pedindo um abraço. É uma maneira também de você fidelizar a tua audiência, ter uma relação mais estreita com ela, ter essa empatia com quem assiste. Enfim, funciona muito.

Felipe Priante - Para finalizar, eu queria voltar a um ponto que você colocou ali atrás, que é sobre essa transição do ex-atleta saindo de atleta para o posto de comentarista, na comunicação. Você falou que vocês usam o Resenha como um laboratório para ver, mas olhando de fora, como você avalia essa questão de quais são as principais dificuldades ou pontos que você enxerga de dificuldade nessa transição do ex-atleta quando ele vai começar a trabalhar como comunicador? E o que vocês costumam fazer justamente para tentar encurtar esse caminho e ajudar com que chegue no objetivo de que ele se complete como comentarista?

153

RUBENS POZZI - Bom, antes de tudo, a gente sabe que a vida de um jogador de futebol desde o início da carreira dele como amador, depois passando pelas categorias de base, é difícil. E é muito raro você ver um jogador que conseguiu estudar. Eu estou falando aqui da maioria e do caminho do jogador de futebol. Não é nenhuma crítica ao jogador. Talvez seja uma crítica ao nosso sistema mesmo, social, econômico e tudo mais. Mas hoje, ainda hoje, é muito difícil um jogador chegar no profissional tendo conseguido estudar. Se ele estudou até a quinta série, ele estudou e pronto. Porque depois é EAD, o cara não aparece nunca lá, faz uma prova e passa. Enfim, a gente sabe de tudo o que acontece. Mas então ele não teve uma base educacional como nós aqui afortunados tivemos de estudar, de fazer uma faculdade, de ter acesso à leitura, à informação. Eles não. Talvez tenham tido essa chance quando chegaram aos profissionais, mas são poucos que aproveitam isso. Aí sim vai uma crítica para o jogador. O jogador que deu certo, que é uma fração muito pequena do todo. Mas essa é uma coisa que eu tenho com o jogador que deu certo, porque ele tem chance de ter um professor particular, de aprender língua. Se ele vai

jogar fora, então pode ter um professor para aprender a língua do país, aproveitar essas oportunidades. Mas a grande maioria chega ali, termina a carreira e quando olha para trás, ele não sequer terminou o básico da escola. Faculdade muito menos, aí é muito mais raro e a gente vê muito poucos. Eles não se preocuparam muito em se informar, em ter um jeito melhor de se comunicar, não se preparam. Enquanto outros, ou fizeram isso e estão bem preparados, ou têm esse dom (de se comunicar bem). O cara nunca estudou, mas sabe se comunicar, tem o dom. Quando a gente pega um jogador, como falamos no começo, que tem potencial e é um cara que traz empatia e é agradável, a gente investe no time de fonoaudiólogas, que trabalham na parte da dicção, às vezes até em uma gramática, de falar as palavras corretamente, seja no singular ou no plural, concatenar as ideias e fazer a conjugação certa. Em relação aos programas, vamos dosando as participações até estar bem preparado, primeiro em um programa gravado, depois em um ao vivo até estar bem preparado e mais à vontade para participar do que for. Alguns preferem parar e desistir porque sentem que não é a praia, já aconteceu algumas vezes. Mas outros chegaram muito crus, que no começo a gente falava que não vai dar, mas depois de alguns meses estavam fazendo programas e transmissão. São aqueles que querem aprender, que têm essa facilidade e paciência.

REFERÊNCIAS

GASTALDO, Édison Luis. **Narrando o Fracasso**: a locução esportiva na decisão da Copa do Mundo de 1998. Intercom, 2001.

HERBERT NETO, Helcio. **Jogo de Palavras**: uma história comparada do comentário esportivo a partir de Resenha Esportiva da Rádio Nacional, na década de 1940, e de Grande Resenha Facit nos anos 1960. Doutorado (História Comparada), Programa de Pós-Graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

VENDITE, Caroline Colucio; VENDITE, Laércio Luis; PALOMBO, Alan Pascoal. A mídia e os recursos aplicados às transmissões do futebol. In: MARQUES, José Carlos (org.). **Comunicação e esporte: diálogos possíveis**. São Paulo: Artcolor, 2007 (Coleção NP INTERCOM).